

A estreia de Adriana Varejão em Salvador, sua cidade-musa

Artista carioca expõe pela primeira vez na capital baiana, que guarda em suas igrejas barrocas e casas coloniais referências fundamentais para a sua arte



NELSON GOBBI
Em visita a Salvador
nelson.gobbi@globo.com.br

Nova York, Paris, Londres, Japão... Adriana Varejão levou sua arte às principais galerias e museus do mundo, para, aos 54 anos, se achar nas lajeiras emolduradas por igrejas e casas coloniais de Salvador. Embora a cidade guarde referências fundamentais para sua obra, como a azulejaria portuguesa e elementos barrocos, a artista, figura central da produção contemporânea brasileira, nunca tinha realizado uma exposição solo ali. Alacuna foi preenchida na última terça-feira. Adriana inaugurou a exposição "Por uma retórica canibal", numa antiga sede de uma fazenda, do século XVIII, debruçada sobre a Baía de Todos os Santos e transformada em museu pelas mãos da arquiteta Lina Bo Bardi. A sensação era de reencontro com sua musa, de voltar ao ponto de partida.

— Estou mais feliz expondo aqui do que se eu estivesse no MoMA. É como dar volta ao mundo e retornar à casa da mãe, que é como me sinto na Bahia — diz a carioca, que reúne 20 obras no Solar do Unhão — Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA).

ANTROPOFAGIA REVISTA

As peças foram produzidas entre os anos 1992 e 2016. A distinção entre a antropofagia e o canibalismo presente no título da mostra foi um dos temas centrais de um debate aberto ao público no Museu de Arte da Bahia (MAB), antes da abertura da mostra. A conversa contou com a presença de Varejão, além da curadora Luísa Duarte, do artista baiano Ayrson Heráclito e da pesquisadora Lília Schwarcz — que escreveu com Adriana o livro "Pérola imperfeita", de 2014. Quase um século depois do Manifesto Antropofágico que mudaria os rumos da arte brasileira (e após mais

de 450 anos da morte da vítima mais ilustre da prática, o Bispo Sardinha, que chegou ao Brasil por Salvador para ser comido pelos Caetés na então Capitania de Pernambuco), o ato de devorar o outro é revisto sob o impacto do presente.

— Hoje em dia, pensamos em modernismos, de vários lugares, no plural. Mas em relação ao modernismo paulistano, que se queria único, havia uma suposta harmonia nas relações que não existia de fato. Na prática, esse alimentar-se do outro gerava guerra, violência, dominação — aponta Lília. — Novos tempos pedem novas metáforas, e não é à toa que o tema do canibalismo vem à baila agora.

Este cruzamento conceitual já era explorado por Adriana em obras como "Carne à la Taunay" (1997) e "Pele tatuada à moda de azulejaria" (1998), nas quais os revestimentos trazidos da metrópole rebentam para mostrar,

em seu interior em carne viva, os conflitos do processo colonial. Visto na perspectiva atual, o conjunto selecionado para a exibição ganha novas camadas de leitura.

— Reunimos fases significativas da obra da Adriana nas quais esse olhar crítico sobre a colonização do Brasil está muito presente. Não faria sentido fazer uma primeira exposição na Bahia com as "Saunas", por exemplo. É preciso enfatizar este diálogo dela com a história, que valoriza os vencidos e não os vencedores — ressalta Luísa.

A curadora também destaca o caráter pioneiro da obra da carioca ao abordar, nos anos 1990, temas que hoje estão no eixo central da arte contemporânea, como a revisão do colonialismo e suas inflexões com a sociedade.

— Não existe outra função da arte a não ser desbravar caminhos. Não estou reivindicando nada, até porque não trilhei essa estrada sozinha. Mas realmente acredito numa arte que serve a outras narrativas. Se ela não serve a isso, pode jogá-la fora — observa Adriana.

Montada numa parceria entre o Instituto do Patrimônio Cultural da Bahia (IPAC) — ao qual o MAM e o MAB são vinculados — e a Galeria Almeida e Dale (SP), a mostra tem como proposta levar seus trabalhos a capitais fora do eixo Rio-São Paulo. Após seu encerramento, em 15 de junho, em Salvador, a individual vai para Recife, e deve seguir para outras cidades do Nordeste, Norte e Centro-Oeste, ainda a definir.

* Nelson Gobbi viajou a convite da Galeria Almeida e Dale.